



As contribuições do Programa de Pós-Graduação da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo – para o desenvolvimento do pensamento brasileiro em Comunicação Comunitária¹

Orlando Maurício de Carvalho Berti²

UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

URSA – Universidade R.Sá

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

Resumo

Este trabalho mostra como vem sendo construído o pensamento acadêmico brasileiro em Comunicação Comunitária a partir do estudo de dissertações e teses dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação stricto sensu da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, primeiro PPG do País a ter uma linha específica de estudo sobre essa área. Por que estudar comunicação comunitária é importante? Como ocorre a contribuição para o desenvolvimento do pensamento acadêmico dessa área no País? Quais foram os temas abordados desde a primeira dissertação do Programa (em dezembro de 1981) até as teses e dissertações defendidas até o final do segundo semestre de 2006? Mostraremos, através de processo quantitativo e analítico, como ocorreu o processo, registrando as temáticas de comunicação comunitária abordadas no PPG durante esses 25 anos. Utilizamos pesquisa bibliográfica e suporte teórico destacando o que é Comunicação Comunitária, sua historicidade e implantação no País.

Palavras-chave

Comunicação Comunitária; UMESP; Pensamento Brasileiro em Comunicação Comunitária.

Introdução

A Comunicação Comunitária no Brasil, apesar de representar setores importantes, em termos quantitativos e qualitativos, ainda é um ponto da multiplicidade

¹ Trabalho apresentado ao Grupo Temático de Práticas Sociais de Comunicação, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

² Mestrando do programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo (em São Bernardo do Campo – SP), área de concentração: Processos Comunicacionais, linha de Pesquisa: Comunicação Massiva, com ênfase em Comunicação Local e Comunitária. Professor e pesquisador da URSA – Universidade R.Sá (em Picos-PI) e da UESPI – Universidade Estadual do Piauí (campus de Picos-PI e de Teresina-PI). Atualmente desenvolve pesquisas nas áreas de Comunicação Comunitária e Folkcomunicação, voltadas para comunidades carentes. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br.



da Comunicação Social, pouco estudado na academia brasileira, notadamente nos programas de Pós-graduação em Comunicação. Em tais programas, especialmente em termos quantitativos, essa área ainda tem um ponto de nítida insipiência.

Neste estudo procuramos mostrar como o PPG em Comunicação Social da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo – vem contribuindo para os estudos nessa área no Brasil e, principalmente, para desmistificar a Comunicação Comunitária frente as outras formas de comunicação massiva.

Através de estudos sobre as teses e dissertações defendidas no programa durante quase 30 anos (1978 – início do programa – até setembro de 2006), procuraremos mostrar como vem sendo construído esse pensamento e a evolução desses estudos.

Por que estudar comunicação comunitária é importante no mundo dinâmico da Comunicação Social? Como ocorre a contribuição para o desenvolvimento do pensamento acadêmico dessa área no País, principalmente porque hoje no Brasil há quase 30 programas de pós-graduação stricto sensu em Comunicação? Quais foram os temas abordados desde a primeira dissertação do Programa (em dezembro de 1981) até as teses e dissertações defendidas até o final do segundo semestre de 2006, período de recorte deste trabalho? São esses questionamentos que pretendemos desvendar e procurar trazer outras discussões neste artigo.

Temos como objetivos do trabalho mostrar como vem sendo construído o pensamento acadêmico em Comunicação Comunitária através das dissertações e teses dos alunos do Programa de Pós graduação Stricto Sensu da UMESP, quantificar esses trabalhos acadêmicos contrabalanceando-os com as outras áreas do PPG, e ainda registrar os temas de comunicação comunitárias abordados nesse PPG.

Inicialmente conceituaremos comunicação comunitária, depois falaremos sobre a UMESP, para, finalmente, destacarmos a importância desta instituição para o pensamento comunicacional brasileiro na área de Comunicação Comunitária.

1. O que é Comunicação Comunitária

Viver em locais comuns é uma das necessidades humanas e se comunicar é mais necessário para tal vivência, pois a comunicação está intrincada no humano, fazendo parte, através dos processos comunicacionais pessoal, interpessoal e massivo, dos métodos de diferenciação do humano para as outras espécies animais.



Concordamos com o conceito inicial de Aurélio (2000, p. 170), onde comunitário significa algo relativo à comunidade³. E são nessas comunidades aonde praticamos a comunicação.

Damos e recebemos ordens, fazemos pedidos. Atendemos os pedidos de outros. Aprendemos sobre fatos, como as coisas são feitas, destruídas, modificadas. Quando amadurecemos, começamos a estudar os próprios sistemas de comunicação: as organizações sociais, as relações econômicas, os valores culturais, todos construídos pelo homem usando como instrumento os comportamentos de comunicação. (BERLO, 1972, p.19).

Por isso, ainda segundo BERLO (1972), necessitamos participar ativamente das organizações feitas pelo homem, como: famílias, grupos sociais de pessoas nossas iguais, a igreja e, inclusive, a comunidade.

O participar, o estar a par é um dos caminhos para a manutenção desse corpo comunitário. Na questão de participação, onde participar é informar, comunicar; ter ou tomar parte em; ter parcela em um todo.

Nesse caso, participar comunicacionalmente seria estar antenado nesse todo e retribuir sua presença para o mesmo todo, a fim de crescer, evoluir e tornar a comunidade, através, também da comunicação, algo melhor para se viver.

O próprio conceito de comunicação denota à comunidade, como define Rabaça & Barbosa (2001, p. 157) a própria origem da comunicação introduz a idéia de comunidade, comunhão. Citando Schramm, os autores enfatizam que, quando nos comunicamos, tratamos de estabelecer uma comunidade, isto é, tratamos de compartilhar informações, idéias, atitudes.

O dispor idéias, ideais é necessário e a comunicação encarada para os muitos da comunidade é um caminho para a mais rápida propagação de tais idéias.

Quando se fala em muitos se fala nos membros desse corpo comunitário, desse corpo notadamente comunicacional.

Ainda citando Sérgio Velozo: Rabaça & Barbosa (2001, p. 157) destacam que comunicação é fazer participar, é trazer para a comunidade o que dela estava isolado, assim, comunicar significa estabelecer comunhão, participar da comunidade, através do intercâmbio de informações.

³ O mesmo autor (p. 170) ainda aponta que comunidade é qualidade de comum; corpo social, a sociedade; grupo de pessoas submetidas a uma mesma regra religiosa; local por elas habitado. Inicialmente poderíamos entender comunidade como algo de unidade comum, lugar de pessoas que têm interesses iguais, vivências igualitárias, buscando um bem comum, uma sociedade onde os pares comuns possam estar em consonância com a esfera de vivência de todos.



Então a necessidade de comunicação em comunidade é essencial e válida, sendo que isso serve para gerar interação entre ambas as esferas.

Também, então, para isso poderíamos entender como comunicação comunitária a comunicação das e para as comunidades, ou seja, formas dessas comunidades darem vazão às suas vozes, isso sempre em contraponto ou nova forma de visão frente às mídias tidas como tradicionais.

Segundo COGO (in PERUZZO, 2004, p.45) esse tipo de comunicação, baseando-se, principalmente, em rádios comunitárias, vem sendo marcada por demandas pautadas em micropolíticas identitárias e reivindicatórias de setores sociais específicos. Ou seja, reivindica-se o que é comum, o que é mais pautado para os interesses daquele nicho comunitário, utilizando-se mídias da e para a comunidade.

A aceleração dos processos de segmentação das mídias que pluralizou o cenários midiático e favoreceu uma apropriação crescente do termo comunitário pelos sistemas massivos de comunicação, contribuíram não apenas para o alargamento da polissmia e dos usos do termo comunitário em diferentes setores sociais mas também para a redefinição do caráter político atribuído a muitas experiências e projetos que se desenvolveram pautados pela oposição às mídias massivas. (COGO in PERUZZO, 2004, p.47).

Essa visão do mediar comunitário de forma de utilização de meios de comunicação advém dos períodos de luta, onde havia uma censura e uma política de sufocamento das vozes populares.

Com o advento do período “democrático” e conseqüente “abertura política e constitucional do País” as novas vozes se multiplicaram, notadamente porque os problemas sociais permaneceram e, em alguns casos, até aumentaram, necessitando-se de novas vozes comunitárias e mais ainda de múltiplas vozes dessas comunidades justamente para não se deixar parados os ideais de lutas dessas populações com ideais comuns.

Segundo PERUZZO (1998a), caracterizam uma mídia comunitária:

Estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas; As pessoas da própria comunidade se revezam enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais; Desenvolvimento do processo de interatividade na comunicação; Autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade; Autonomia e livre de ingerências em relação aos órgãos do Governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados, etc; Não tem interesses comerciais; Oferece possibilidades ilimitadas de inovação de linguagens e formatos de programas; Programação sintonizada com a realidade local. Temas de interesse local; Dirigida a segmentos específicos da população;



Alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores; As ações se desenvolvem em torno de interesses comuns; Envolve um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania. (PERUZZO, 1998a, p.152).

A autora ainda destaca (p.152) que o cerne das questões hoje do pensamento comunicacional comunitário gira em torno das questões da informação, educação, arte e cultura, tendo mais espaços para o entretenimento, prestação de serviços, participação de várias organizações e divulgação de manifestações culturais locais.

Ou seja, sae-se do campo mais político para o campo mais social, mais identitário das próprias comunidades, utilizando-se de meios como rádios comunitárias, rádios de poste, jornais comunitários, panfletos e outras formas de midiaticização alternativa para mostrarem as vozes e identidades desses nichos.

São com essas caracterizações que as mídias comunitárias se diferenciam das convencionais (grandes jornais, emissoras de televisão, emissoras de rádio).

Os movimentos sociais populares brasileiros estão construindo algo de “novo”, expressando interesses coletivos que trazem em seu interior um esforço pela autonomia e por um “quefazer” democrático, num novo espaço de ação política, e contribuindo, assim, para a elaboração de outros valores. (PERUZZO, 1998b, p. 148).

Tudo isso, concordando com PERUZZO (1998a, p.143) para pluralizar, estar em sintonia com as especificidades de cada realidade onde está inserida e mais ainda para instigar a participação ativa de entidades não governamentais e sem fins lucrativos.

Apesar de PERUZZO (1998b) que é difícil encontrarmos uma verdadeira comunidade nas sociedades modernas, pois para tais existirem necessita-se de um grau de perfeição e auto-suficiência requeridos. Isso se deve pelo não isolacionismo, ou seja, pela sempre interação dessas comunidades com outras comunidades, inclusive necessitando de comunicação mútua.

Ou seja, são novas vozes, novos caminhos, novas formas de comunicação, novas formas de se trazer vozes polissêmicas.

Tais caminhos estão ganhando espaço na academia, mesmo ainda de forma um pouco tímida, onde o interesse de pesquisar, estudar e entender tais movimentos, tais caminhos e tais diferenciações para com as mídias convencionais vem aos poucos gerando interesse dos acadêmicos, sendo realizados trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, retratando esses movimentos, essas formas de comunicação social.



2. A UMESP e seu papel na Pós-graduação em Comunicação Social no País

A UMESP – Universidade Metodista de São Paulo – existe desde o início da década de 70 do Século XX. Instalada na cidade de São Bernardo do Campo – região metropolitana de São Paulo, na área conhecida por ABC – atualmente destaca-se como uma das faculdades de Comunicação mais atuantes do País no campo do ensino e pesquisa em Comunicação Social. A instituição é ligada à Igreja Metodista⁴.

Essa universidade é até o segundo quarto de 2007, segundo a CAPES – Coordenadoria de Capacitação de Pessoal do Ensino Superior⁵, uma das 27 instituições de ensino superior do País a oferecer programa de pós-graduação stricto sensu em Comunicação⁶. De 2.437 programas de Pós-Graduação do País, segundo o sitio da CAPES⁷, 304 estão na Grande Área de Ciências Sociais Aplicadas⁸, cujo qual estão inseridos os cursos da área de Comunicação, representando 8,88% do total da Grande Área e 1,1% de todos os PPGs do País.

Na Universidade Metodista de São Paulo o programa de pós-graduação oferece curso de Mestrado e Doutorado na Área de Concentração de Processos Comunicacionais, com ênfase em duas linhas de Pesquisa: Comunicação Massiva, onde há a sublinha de Mídia Local e Comunitária, e Comunicação Especializada.

⁴ Igreja evangélica com origem nos Estados Unidos. A Igreja Metodista mantém outras instituições de ensino superior no Brasil. Destacam-se as Universidades Metodistas de Piracicaba (interior de São Paulo), IPA Metodista (em Porto Alegre-RS) e Metodista Rio de Janeiro (RJ).

⁵ Endereço eletrônico: www.capes.gov.br, acesso em 22 de março de 2007.

⁶ Atualmente oferecem cursos da área de Comunicação no Brasil as seguintes instituições de ensino superior: Programas em Ciências da Comunicação: UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS) e USP (Universidade de São Paulo – SP); Programas em Comunicação: UnB (Universidade de Brasília – DF), UFG (Universidade Federal de Goiás – GO), UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora – MG), UFPE (Universidade Federal de Pernambuco – PE), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ), UFF (Universidade Federal Fluminense – RJ), UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro – RJ), PUC – RIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria – RS), UNESP – BAURU (Universidade Estadual de São Paulo – SP), FCL (Faculdade Cásper Líbero – SP), UNIMAR (Universidade de Marília – SP), UNIP (Universidade Paulista – SP), FAM (Universidade Anhembí-Morumbi – SP); Programa em Comunicação e Cultura: UNISO (Universidade de Sorocaba – SP); Programa em Comunicação e Cultura Contemporânea: UFBA (Universidade Federal da Bahia – BA); Programa em Comunicação e Informação: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS); Programa em Comunicação e Linguagens: UTP (Universidade Tuiuti do Paraná – PR); Programa em Comunicação e Práticas de Consumo: ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing – SP); Programa em Comunicação e Semiótica: PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP); Programas em Comunicação Social: UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais – MG), PUC – RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – RS), UMESP (Universidade Metodista de São Paulo – SP); Programa em Comunicação Social: Interações Midiáticas: PUC-MG (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – MG); Programa em Multimeios: UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas – SP). Destas, 14 oferecem

Doutorado. Disponível em: http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaoocursos/jsp/areaDet.jsp?cd_area=60900008&grandeArea=CIÊNCIAS%20SOCIAIS%20APLICADAS&areaConh=COMUNICAÇÃO, acesso em 22 de março de 2007.

⁷ Disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaoocursos/jsp/grandeAreaDet.jsp>. Acesso em 22 de março de 2007.

⁸ Disponível em: http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaoocursos/jsp/areaDet.jsp?cd_garea=60000007&grandeArea=CIÊNCIAS%20SOCIAIS%20APLICADAS. Acesso em 22 de março de 2007.



O Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo iniciou suas atividades em 1978, com a implantação do Mestrado, já o Doutorado passou a funcionar em 1995. Seu objetivo principal é a formação de docentes, pesquisadores e profissionais de alto nível que poderão atuar em empresas públicas ou privadas, instituições de ensino superior e organizações não governamentais (ONGs). (UMESP, 2007).

Segundo itens do sítio do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMES⁹ entre dezembro de 1981, quando foi apresentada a primeira dissertação do programa, até junho de 2006, foram defendidas na instituição: 460 dissertações e 60 teses, uma das produções, em termos quantitativos, mais expressivas do País na área de Comunicação.

A sublinha da UMES⁹ de Comunicação Comunitária da instituição, que é uma das mais antigas do programa, é coordenada pela professora doutora Cicília Maria Kholing Peruzzo, coincidentemente a primeira aluna a apresentar uma dissertação no PPG da Metodista.

A linha, segundo os sítios da instituição¹⁰ e do PPG¹¹ se propõe a estudar as estruturas e processos de produção, difusão, gestão e recepção da comunicação constituídos nos âmbitos: regional, local e comunitário, tanto no universo dos movimentos populares, sindicatos, comunidades e organizações não-governamentais, como em organizações de mídia convencional de propriedade pública e privada.

Essa linha ainda enfatiza investigações sobre as peculiaridades dos processos de participação popular na produção e difusão de conteúdos em meios de comunicação de abrangência local e/ou comunitária, tais como rádio, televisão, jornal e de comunidades virtuais na internet, desde que ligado a movimentos sociais, buscando compreender as inter-relações com as configurações do espaço público da cultura e do exercício da cidadania.

Além da Universidade Metodista de São Paulo trabalha-se institucionalmente em linha constituída de Comunicação Comunitária no Brasil somente o curso de pós-graduação stricto sensu da UFG – Universidade Federal de Goiás (em Goiânia) – que iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2007. Também além dessas duas instituições, os outros PPGs brasileiros em Comunicação trabalham esporadicamente o tema, mas sem enfatiza-lo como linha específica de estudo.

⁹ www.metodista.br/poscom/mestrado (para acesso às informações das dissertações de Mestrado e outras informações sobre o programa) e www.metodista.br/poscom/doutorado (para acesso às informações das teses de doutorado e informações sobre o programa). Acesso em 20 de março de 2007.

¹⁰ www.metodista.br

¹¹ www.metodista.br/poscom



3. As contribuições da UMESP para o desenvolvimento do pensamento de Comunicação Comunitária do País

Instalada no berço do movimento operário moderno brasileiro (na região do ABCD Paulista, que compreende as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema, ao Sul da cidade de São Paulo), a UMESP desde a criação do seu curso de Comunicação Social no campus do bairro Rudge Ramos, região da sede das grandes montadoras de veículos do País, esteve intimamente ligada com membros desse movimento, seja ele no sentido de formação de comunicadores para atuarem entre os sindicatos e movimentos operários da região e de membros da luta política dos nascentes partidos de esquerda e das comunidades ora representadas pelos membros e simpatizantes desses partidos e agremiações insurgentes contra a política de outrotora, dominada por adeptos ao regime militar.

Foi nesse cenário de lutas sindicais, classistas e até religiosas, com objetos e problemas comunicacionais, nascentes e antes não abordados nas academias, que a linha de Comunicação Comunitária teve seus primeiros incentivos, passos e estudos. Além disso, instadas nesse ambiente mais receptivo a esses novos problemas e novas ordens que o programa abrangeu suas primeiras teses e dissertações da área, abrangendo justamente as questões comunitárias e cidadãs, frutos de uma mídia alternativa, popular e comunitária, em contraponto às mídias tidas como convencionais.

Criado em 1978, num pequeno, mas arrojado instituto de ensino superior, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo firmou-se imediatamente como centro de convergência daqueles jovens que aspiravam produzir conhecimento midiático sintonizado com as demandas coletivas de nossa sociedade. Formada inicialmente por pesquisadores alijados, por motivos políticos ou preconceito intelectual, dos quadros das universidades renomadas, a equipe docente se ampliou estrategicamente, atraindo recém-doutorados, titulados em diferentes países e pertencentes a distintas correntes teóricas. Da mesma maneira, procurou recrutar alunos em todas as regiões do País, evitando assim a endogenia institucional. Mais adiante alargou sua comunidade estudantil, buscando parcerias institucionais. (...) O pluralismo acadêmico tem sido a marca registrada do Grupo de São Bernardo do Campo. Exercitar a convivência respeitosa, no plano das relações humanas, mas conflituosa e competitiva, no âmbito das relações intelectuais, tem sido o grande desafio desse núcleo comunicacional. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 15-16).

Entre 1984 e 2006 foram defendidas na UMESP 30 dissertações relacionadas à área de Comunicação Comunitária.



Os primeiros trabalhos da área foram incentivados pelos professores José Marques de Melo e Wilson da Costa Bueno, ainda hoje membros efetivos e atuantes do PPG da Metodista.

Destacam-se nesse período os seguintes trabalhos¹²:

ANO DE DEFESA	TÍTULO DO TRABALHO DE DISSERTAÇÃO	AUTOR(a)	ORIENTADOR(a)
1984	Comunicação Popular e Alternativa: a Realidade e as Utopias	Regina Dalva Festa	José Marques de Melo
1989	A Comunicação da Informação entre a Comunidade de Informática da Embrapa	Miraci de Arruda Cântara Pontual	Wilson da Costa Bueno
1991	Relações Públicas Comunitárias: uma Exigência da Sociedade Civil Brasileira	Regina Célia Escudeiro	Wilson da Costa Bueno
1992	Projeto Rádio Alternativa: a Construção da Comunicação Participativa: a Busca da Utopia Possível.	Edson Silva	Jacques Marie Joseph Vigneron
1992	“Vejam os que Somos”. Projeto de Comunicação nas Comunidades Indígenas de Otavalo, Equador, privilegiando o uso do vídeo	Marina Yolanda Chávez Vargas	Luiz Fernando Santoro
1994	Interação Entre uma Escola e uma Comunidade de Artesãos – um Estudo de Caso	Maria do Carmo da Silva	Jacques Marie Joseph Vigneron
1995	Igreja Católica e Comunicação Popular: um Relato de Caso da Zona Leste da Cidade de São Paulo	Roberto Joaquim de Oliveira	Sandra Lúcia Amaral de Assis Reimão
1995	Um Perfil da TV Local em São Paulo – a Programação e a Relação com a Comunidade	Silmara Regina Biazoto	Luís Fernando Santoro
1996	Os Intelectuais e a Participação Popular do Ceará	Kátia Regina Azevedo Patrocínio	José Salvador Faro
1997	A Rádio Popular da Vila Nossa Senhora Aparecida: uma Proposta de Comunicação Popular	Esmeralda Villegas Uribe	José Marques de Melo
1997	Rádios Ilegais: da Legitimidade à Democratização das Práticas	Sandra Sueli Garcia de Sousa	José Salvador Faro
1998	Cidadão VHS: a Aventura da TV Escola em Manaus	Cláudia Guerra Monteiro	José Salvador Faro

¹² www.metodista.br/poscom/mestrado. Acesso em 20 de março de 2007.



1998	Alô Pantanal – Estudo Sobre a Relação e um Programa de Rádio e Três Comunidades Rurais do Município de Corumbá-MS	Wilson Corrêa da Fonseca Júnior	Wilson da Costa Bueno
1999	Todas as Vozes: Diferentes Abordagens Para um Conceito de Rádio Local	Teresa Patrícia de Sá Teixeira Santoro	Anamaria Fadul
1999	Canais Comunitários: Construindo a Democracia na TV a Cabo	Valdir Aparecido Boffetti	José Salvador Faro
1999	Informações Periféricas no ABC: Inventário dos Veículos Periféricos na Construção da Informação Local na Região do ABC Paulista	Wilson de Oliveira Souza	José Salvador Faro
2000	Ecologia e Mídia Local: o Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas – Amigos da Terra e seus Reflexos na Imprensa de Passo Fundo – RS	Ana Carolina M. Silva	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2000	Hora do Fazendeiro – Estudo de Recepção de Rádio na Comunidade Negra – Furnas de Boa Sorte	Daniela Cristiane Ota	Joseph Maria Luyten
2000	O Rádio nos Assentamentos Rurais – um Estudo do Rádio nos Assentamentos do Município de São Miguel do Oeste – SC	Marilene Stertz	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2002	O Jornal Local como Material Didático Contribuindo na Construção da Cidadania	Cristiane de Sousa Jagenski	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2002	Imprensa, Educação, Meio Ambiente e Cidadania – a Cobertura Jornalística em São Sebastião – SP	Rose Mara Pinheiro	Maria das Graças Conde Caldas
2002	Trajatória Histórica e Dimensão Contemporânea dos Canais Locais Conhecidos na TV Paga: o Exemplo da TV CIM (TV Comunitária de POÁ)	Eliane Fátima Corti Basso	José Salvador Faro
2002	Rádios Comunitárias e Democratização dos Meios de Comunicação no Brasil	Marcos Luiz Imbrizi	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2002	O Closed Caption na Educação de Deficientes Auditivos – um Projeto de Cidadania	Flávio Queiroz de Oliveira	Jacques Marie Joseph Vigneron
2003	A Comunidade Virtual e a Comunicação: o Site da Igreja Adventista do Sétimo Dia	Valcenir do Vale Costa	Jacques Marie Joseph Vigneron
2004	TV Câmara de Bauru: Papel Social do Canal Legislativo e suas Relações com Comunidade Local	Carlos Jorge Barros Monteiro	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2004	Rádio Comunitária na Escola:	Maria Inês	Cicília Maria



	Protagonismo Adolescente e Dramaturgia na Comunicação Educativa	Amarante	Krohling Peruzzo
2004	Comunidades Eclesiais de Base e Comunidades Virtuais: “O Espaço do Saber”	Elaine Cristina Alves	Jacques Marie Joseph Vigneron
2005	As Marcas de uma Universidade Comunitária na Comunicação Integrada: a Unisinos	Ana Cláudia Braun Endo	Maria das Graças Conde Caldas
2006	A Reconfiguração da Esfera Pública Local pelas Rádios Comunitárias Inter-FM e União na Região Metropolitana de Belo Horizonte	Lilian Claret Mourão Bahia	Cicília Maria Krohling Peruzzo

Tabela 1 – Dissertações de Mestrado da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, com ano de defesa do trabalho, título (envolvendo questões comunitárias), autor(a) e professor (a)-orientador(a). Fonte: Sítio do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UMESP, www.metodista.br/poscom.

Já, entre outubro de 1997 e maio de 2006 foram apresentadas as seguintes teses no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo¹³:

ANO DE DEFESA	TÍTULO DO TRABALHO DE DISSERTAÇÃO	AUTOR(a)	ORIENTADOR(a)
2002	O Projeto Rádio-Escola: a Rádio Comunitária Irradiando Cidadania	Adriana Azevedo Paes de Barros	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2005	A Formação das Comunidades de Compartilhamento Social no Centro de Mídia Independente	Adilson Vaz Cabral Filho	Cicília Maria Krohling Peruzzo
2005	Cidadania Digital: um Estudo do Programa Brasileiro para a Sociedade da Informação	Juliano Maurício de Carvalho	José Salvador Faro
2006	Comunicação para o Desenvolvimento: o Papel das Rádios Comunitárias na Educação para o Desenvolvimento Local de Comunidades Locais de Moçambique	Tomás José Jane	Cicília Maria Krohling Peruzzo

Tabela 2 – Teses de Doutorado UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, com ano de defesa do trabalho, título (envolvendo questões comunitárias), autor(a) e professor (a)-orientador(a). Fonte: Sítio do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UMESP, www.metodista.br/poscom.

Devido a instalação do programa de doutorado ser mais recente do que do programa de mestrado e por conta da contratação da professora Cicília Peruzzo, o

¹³ www.metodista.br/poscom/doutorado. Acesso em 20 de março de 2007.



panorama de orientações de teses na área de Comunicação Comunitária é quase que totalmente feito pela professora. Destaca-se também o papel do professor José Salvador Faro, em orientações de tese e dissertações sobre a área.

Em termos analíticos enquanto a essa produção, podemos analisar que quantitativamente, das 460 dissertações apresentadas no período do início do programa à setembro de 2006, desse total 6,5%, ou 30 trabalhos, são relacionadas à Comunicação Comunitária, mostrando que entre as linhas e sublinhas da Metodista há espaço para a área Comunitária consolidando a linha e pluralizando a multiciplidade do pensamento comunicacional, notadamente na academia, local de transmissão e produção de novos conhecimentos, teoricamente usado para praticar-se o desenvolvimento social.

Os primeiros trabalhos de conclusão de mestrado na UMESP na área comunitária começaram com reflexões sobre o que é popular e alternativo e também (ainda na década de 80 do Século XX) realizando discussões sobre o papel da comunicação comunitária nas novas tecnologias (ora ainda em fase de instalação no País). Um dos primeiros trabalhos apresentados no PPG foi a dissertação: “*Relações Públicas Comunitárias: uma exigência da Sociedade Civil Brasileira*”, de Regina Célia Escudeiro, mostrando, há mais de 15 anos, a inserção da área de relações públicas na área comunitária tem sua importância e seu papel¹⁴.

Mas não foi na década de 80 o período de maior produção dessa área. Na década seguinte ocorreu a fase quantitativa e qualitativa mais abrangente do programa em termos de Comunicação Comunitária. Quase metade das dissertações de todo o período da UMESP foram produzidas nessa década e as discussões floresceram e se sedimentaram.

Entre 1990 e 1999 o PPG, em termos de Comunicação Comunitária, voltou-se para a discussão de problemas de comunidades específicas, utilizando-se como fontes de recorte mídias televisivas, radiofônicas e impressas. Houve nessa década também discussões sobre a legalidade de rádios comunitárias que naquela época ainda eram taxadas como rádios “piratas” e também a discussão como essas rádios têm papel enquanto mídias para o local. A liberdade de trabalho proporcionada a estudantes pode contribuir para que se façam estudos inovadores capazes de contribuir para o avanço no conhecimento da área de Comunicação. (PERUZZO, 2003, p. 32).

¹⁴ A primeira dissertação do PPG da UMESP: “Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista”, apresentado por Cíclia Peruzzo, em dezembro de 1981, mostra a preocupação do programa, logo em seu início na abordagem dos temas polêmicos e inovadores. Daí o fato de Relações Públicas comunitárias também terem sido um dos primeiros temas da área tão logo foi discutido a Comunicação Comunitária na Universidade Metodista.



Outra grande virada do programa foi a sedimentação da linha de Comunicação Comunitária. Uma das explicações para isso é, como destaca PERUZZO (2003, p. 27), foi que em 1999, finalmente, mais de 20 anos de criação do PPG da UMESP, foi criada a sublinha de Mídia Local e Comunitária na instituição, consolidando os estudos de Comunicação Comunitária, antes versando sobre outras sublinhas do PPG.

Com a linha consolidada os anos de 2000 e seus posteriores a produção continuou ativa e as discussões efusivas, trazendo novos momentos e novos objetos acadêmicos. Nos primeiros anos do Século XXI temáticas como ecologia, ruralidade, cidadania, educação, história, virtualidade, religião, política estiveram ligados aos estudos de Comunicação Comunitária nas dissertações da UMESP. As rádios comunitárias continuaram a ser as mídias mais abordadas, mas também voltou-se com mais afinco a estudar-se a nova ordem das mídias frente às novas tecnologias.

Tais mudanças decorrem em termos de rádio comunitária, como afirma COGO (1998, p. 92-100), onde uma rádio comunitária tem de ter capacitação e profissionalização das equipes, modernidade e qualidade dos programas, autofinanciamento e competitividade, instrumentalização, massividade, cotidiano e cultura, utilidade e investigação.

O último trabalho apresentado até o final do primeiro semestre de 2006 retratou sobre a reconfiguração da esfera pública promovida por emissoras de rádio comunitária.

Das dissertações apresentadas em Comunicação Comunitária na UMESP, a maioria relaciona-se a objetos com problemáticas do Sudeste do País, de comunidades dessas regiões, principalmente concernentes à mídias comunitárias radiofônicas e televisivas. Mas, mesmo assim, há espaço para objetos do Ceará, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Já, em relação às teses, do total de 60 apresentadas, desse total 6,6% são relacionadas à comunicação comunitária, transpassando as mesmas características quantitativas dos trabalhos de mestrado.

Em termos de comunidades abordadas os estudos de Comunicação Comunitária da UMESP denotam várias faces, como comunidades rurais, comunidades urbanas, grupos específicos, grupos periféricos, perfazendo outro espaço múltiplo em termos dos estudos dessa área.

Rádios comunitárias, formação de comunidades através de tele-centros (até então estudo inédito em termos de PPG da UMESP), cidadania digital e comunicação para o desenvolvimento, foram temáticas abordadas nas teses da instituição.



Considerações

Notamos que o papel da Metodista não é único no País para as pesquisas em Comunicação Comunitária. Hoje já há programas com linha específica para a área e mais ainda trabalhos sendo desenvolvidos, mesmo isoladamente em PPGs pelo País abordando a área. Ao menos em quatro PPGs em Comunicação do País há produção em Comunicação Comunitária. Mesmo assim, ser pioneiro não é status de estar à frente, mas em termos quantitativos e qualitativos a produção da área de Comunicação Comunitária da UMESP tem o seu papel frente ao campo da pesquisa dessa sublinha.

O incremento de comunicação e de mais pesquisas na área é um instrumento forte para maior publicização da Comunicação Comunitária do País. Apesar da insipiência de teses em termos de números, promete-se novos trabalhos para a área e novas reflexões. Estudar o comunitário hoje, sem sectarismos e politicismos, é importante por desvendar um campo ainda novo, por desvendar os meandros do popular, do alternativo, do comunitário propriamente dito.

A comunicação é dinâmica, e seus meandros acompanham tamanho dinamismo, sendo necessário a academia estar sempre em consonância com isso. Ao entendermos o comunitário, entendemos as comunidades (a maioria de baixa renda, de pouca escolaridade, de pouca oportunidade), mas que têm suas formas de comunicação, de interação, de produção de sentido e de construção de um País melhor.

Referências

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BARBOSA, Gustavo Guimarães & RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BERLO, David K. **O Processo da Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1972.

CAPES – Coordenadoria de Capacitação de Pessoal do Ensino Superior. **Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Brasil avaliados pela CAPES**. Brasília: 2007. Disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaocursos/jsp/areaDet.jsp?cd_garea=60000007&grandeArea=CIÊNCIAS%20SOCIAIS%20APLICADAS>. Acesso em 22mar.2007.



_____. **Cursos de Comunicação do Brasil.** Brasília: 2007. Disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaocursos/jsp/areaIesDet.jsp?cd_area=60900008&grandeArea=CIÊNCIAS%20SOCIAIS%20APLICADAS&areaConh=COMUNICAÇÃO>. Acesso em 22mar.2007.

_____. **Cursos de Pós-graduação Stricto Sensu avaliados pela CAPES no Brasil.** Brasília: 2007. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaocursos/jsp/grandeAreaDet.jsp>>. Acesso em 22mar.2007.

COGO, Denise Maria. **No Ar...Uma Rádio Comunitária.** São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. In PERUZZO, Cicília Maria Krohling (org). **Vozes Cidadãs – Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina.** São Paulo: Angellara Editora, 2004.

MARQUES DE MELO, José. Pos-Com UMESP: 25 anos. **Comunicação e Sociedade:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Umesp, n.40, 2003.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Mídia Comunitária. **Comunicação e Sociedade:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Umesp, n.30, 1998(a).

_____. **Comunicação nos Movimentos Populares – a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998(b).

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Tempo de Ousadia: reminiscencias da primeira mestre. **Comunicação e Sociedade:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo: Umesp, n.40, 2003.

_____(org). **Vozes Cidadãs – Aspectos Teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina.** São Paulo: Angellara Editora, 2004.

UMESP. Universidade Metodista de São Paulo. **Dissertações de Mestrado.** São Bernardo do Campo: 2007. Disponível em: <<http://www.metodista.br/poscom/dissertacoes>>. Acesso em 20 mar.2007.

_____. **Sobre o Programa.** São Bernardo do Campo: 2007. Disponível em: <<http://www.metodista.br/poscom/programa>>. Acesso em 20 mar.2007.

_____. **Teses de Doutorado.** São Bernardo do Campo: 2007. Disponível em: <<http://www.metodista.br/poscom/teses>>. Acesso em 20 mar.2007.